

KARAI JE'EHA JAKWARAHÃ! (COMUNIQUE-SE BEM!): UM ESTUDO SOBRE AS LÍNGUAS DE SINAIS DAS TERRAS INDÍGENAS

KARAI JE'EHA JAKWARAHÃ! (COMMUNICATE WELL!): A STUDY ON THE SIGN LANGUAGES OF INDIGENOUS LANDS

Edivaldo da Silva Costa 1
Leoni Ramos Souza Nascimento 2
Magno Prado Gama Prates 3

Doutor em Educação, Professor Adjunto do Departamento de Letras 1
Libras da Universidade Federal de Sergipe.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3868086261085410>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7793-7289>.
E-mail: edieinstein@hotmail.com

Doutorando em Letras, Professor Assistente do Departamento de 2
Libras da Universidade Federal de Rondônia.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7286880514860256>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5015-9034>.
E-mail: leoniramos@hotmail.com

Mestre em Letras, Professor Assistente do Departamento de Libras da 3
Universidade Federal de Rondônia.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/918540553495080>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1032-9235>.
E-mail: magno.prates@unir.br

Resumo: Este artigo teve como intuito analisar os avanços das pesquisas sobre as comunidades indígenas surdas. A metodologia fundamentou-se na pesquisa etnográfica de caráter exploratório. No mundo, há seis comunidades indígenas surdas registradas, e destas, no continente americano existem quatro Línguas de Sinais das Terras Indígenas documentadas, a Martha's Vineyard Sign Language nos Estados Unidos, a Lengua de Señas Maya-yucateca no México, a Lengua de Señas de Providencia na Colômbia e a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira no Brasil. Os estudos indígenas surdos brasileiros se concentraram nas comunidades indígenas Urubus Ka'apor no Maranhão, Sateré-Mawé no Amazonas, Terena no Mato Grosso do Sul e São Paulo, Jaguapiru, Guarani-Kaiowá, Bororó entre outras no Mato Grosso do Sul, Kaingang em Santa Catarina, Paiter Suruí em Rondônia e entre outras que veem surgindo e estão sendo documentadas. Com base nos dados desta pesquisa é possível concluir que ainda são ínfimas as produções sobre indígenas surdos, entretanto, mostram os avanços de pesquisas sobre as comunidades indígenas surdas e suas Línguas de Sinais das Terras Indígenas.

Palavras-chave: Comunidades Indígenas. Indígenas Surdos. Línguas de Sinais das Terras Indígenas.

Abstract: This article aimed to analyze the progress of research on deaf indigenous communities. The methodology was based on exploratory ethnographic. There are six registered deaf indigenous communities in the world, and of these, four documented SLIL on the American continent, the Martha's Vineyard Sign Language in the United States, Mayan-Yucatec Sign Language in Mexico, Providence Sign Language in Colombia and Brazilian Ka'apor Sign Language in Brazil. Brazilian deaf indigenous studies focused on the Urubus Ka'apor indigenous communities in Maranhão, Sateré-Mawé in Amazonas, Terena in Mato Grosso do Sul and São Paulo, Jaguapiru, Guarani-Kaiowá, Bororó among others in Mato Grosso do Sul, Kaingang in Santa Catarina, Paiter Suruí in Rondônia and among others that are being documented. Based on the data of this research it is possible to conclude that the productions about deaf indigenous people are still very small, however, they show the advances in research on deaf indigenous communities and their sign languages of the indigenous lands.

Keywords: Indigenous Communities. Deaf Indigenous People. Indigenous Lands Sign Languages.

Introdução

Karai je'eha jakwarahã! trata-se de uma expressão proposta no título do livro por James Y. Kakumasu e Kiyoto Kakumasu (1994), tomado por empréstimo neste estudo, sendo um dialeto da tribo indígena Urubus Ka'apor que se traduz em português como “comunique-se bem!”, pois em consonância com a temática “indígenas surdos” propõe um elo entre duas modalidades do ensino, a educação especial e a indígena e suas interfaces, de acordo com Coelho (2011), é um campo novo e complexo de investigação, traça fronteiras ainda não definidas entre dois campos de conhecimento em constituição. Nesta relação, a língua é um dos traços étnico-culturais que caracteriza os diferentes povos e estabelece a sua comunicação, seja esta de modalidade oral-auditiva, para índios ouvintes, ou visual-espacial, para índios surdos.

No Brasil, há mais de 160 línguas e dialetos que são falados pelos povos indígenas. No nosso processo de colonização, a língua Tupinambá, por ser a mais falada ao longo da costa atlântica, foi incorporada por grande parte dos colonos e missionários, sendo ensinada aos índios nas missões e reconhecida como Nheengatu. Em meio a essa diversidade linguística, apenas 25 povos têm mais de cinco mil falantes de línguas indígenas (MATTOSO CÂMARA JR, 1965).

Reportando-se aos 22 de abril de 1500, quando aqui no Brasil foi documentada, historicamente, a chegada dos colonizadores portugueses, é importante questionar “onde estavam os índios brasileiros com deficiência?”. Nas páginas dos livros de História do Brasil não há relatos nem registros sobre o que de fato havia acontecido com esses índios. Sobre isso, Shimazi (2009) destaca que por causa do misticismo tribal, os índios com deficiência eram enterrados vivos pois acreditava-se que um espírito maligno da natureza havia se apossado daquele corpo e que o mesmo deveria ser sacrificado para banir o infortúnio daquela tribo.

Nas últimas décadas, vem surgindo um novo segmento de pesquisas voltado para as comunidades surdas indígenas brasileiras com desdobramento para suas Línguas de Sinais das Terras Indígenas (LSTI), apresentando-se na fase de desenvolvimento e está fundamentado nos estudos de Giroletti (2008), Vilhalva (2004; 2007; 2009; 2012), Coelho (2011), Silva (2014), Henrique (2014), Sumaio (2014; 2018), Bruno e Lima (2015), Santos (2015), Almeida e Sebastião (2016), Sant'ana (2016), Silva (2017), Costa (2017), Gregianini (2017), Eler (2017) entre outros.

Na LSTI do Mato Grosso do Sul, o sinal índio apresenta duas variações, conforme apresentado na Figura 1

Figura 1. Sinal representativo para o termo índio na LSTI de Mato Grosso do Sul.



Fonte: (VILHALVA, 2012)

A primeira (I) representa visuo-iconeicamente, as penas do cocar indígena, e a segunda (II), o cajado utilizado nos rituais tribais. Na Língua Brasileira de Sinais (Libras), o termo índio apresenta uma variedade de sinais, entretanto, nos registros do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Deit-Libras) foi identificado apenas um sinal correspondente.

Além disso, os sinais representativos em Libras dos Estados do Acre, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul têm na sua estrutura interna uma relação com as suas

tribos indígenas e/ou a miscigenação étnico-racial do povo brasileiro. Por exemplo, os sinais dos Estados do Acre (AC), Amazonas (AM), Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS) representam, iconicamente, os cocares indígenas e o do Maranhão (MA) representa o índio nativo, o negro africano e o branco europeu.

O intuito desta pesquisa foi analisar os avanços das pesquisas sobre as comunidades indígenas surdas. A metodologia fundamentou-se na pesquisa etnográfica de caráter exploratório por meio de consulta ao Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>) e do Banco Digital de Teses e Dissertações (<http://bdtd.ibict.br/>), ambos são tidos como padrões de buscas nacionais e internacionais de produções científicas. Na busca das produções foram utilizadas as combinações das seguintes palavras chaves descritoras: *Língua de Sinais Indígenas x Índios Surdos x LSTI x Comunidades indígenas surdas*. Esta pesquisa se subdividiu em: i) as comunidades indígenas surdas no mundo, ii) as comunidades indígenas surdas no continente americano e iii) as comunidades indígenas surdas no Brasil.

As Comunidades Indígenas Surdas no Mundo

No mundo, de acordo com Oviedo (s/d), as comunidades indígenas surdas estão distribuídas em seis diferentes partes, os urubus-ka'apor, um grupo indígena localizado no nordeste brasileiro, com a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB); um grupo de aldeias maia-yucatecas, na região centro-sul da Península de Yucatán, no México, com a *Lengua de Señas Maya-yucateca* (LSMY); os habitantes da ilha colombiana de Providência, no mar do Caribe, com a *Lengua de Señas de Providencia* (LSP); os habitantes da Ilha Martha's Vineyard, no Atlântico Norte, na costa do Estado de Massachussetts, com a *Martha's Vineyard Sign Language* (MVSL); um povoado chamado Adamorobe, que se localiza no leste de Gana e é habitado por membros do grupo étnico Akan, a *Adamorobe Sign Language* (AdaSL); e a comunidade beduína de Al-Sayyid, no deserto de Neguev, ao sul de Israel, com a *ديسلانم ةيودبلا ةراشإلإة غل* (Trad.: Língua de Sinais Beduína de Al-Sayyid).

A *Lengua de Señas Maya-yucateca* (LSMY) foi usada na região de Yucatán pelas comunidades maias rurais com um número alto de habitantes surdos. É uma Língua natural e complexa, que não está relacionada à *Lengua de Señas Mexicana* (LSM), mas pode ter semelhanças com Lenguaje de Señas Guatemalteca (Lensegua). Nas terras altas da Guatemala, os maias surdos usavam uma Língua de Sinais que pertence a um complexo da Língua K'iche, localmente conhecido como *Meemul Ch'aab'al* e *Meemul Tz'ij*, "língua muda" (HAMMARSTRÖM; FORKEL; HASPELMATH, 2017),

A *Lengua de Señas de Providencia* (LSP) foi desenvolvida e usada pela comunidade de surdos da ilha de Providence. Esta ilha faz parte do arquipélago de San Andrés e Providencia, localizado no Caribe Ocidental, perto da costa da Nicarágua e sobre a qual a Colômbia exerce soberania. A presença de um gene de surdez congênita profunda, causada pela endogamia que forçou o isolamento da Ilha de Providence, já no final do século XIX e início do século XX, determinou o surgimento na ilha de uma comunidade estável de surdos, resultando no surgimento de uma Língua de Sinais (WOODWARD, 1978).

A *Martha's Vineyard Sign Language* (MVSL) foi amplamente usada na ilha de Martha's Vineyard do início de 1700 até 1952, por pessoas surdas e ouvintes na comunidade, consequentemente, a surdez não se tornou uma barreira à participação na vida pública. A surdez hereditária apareceu em Martha's Vineyard em 1714. A MVSL foi capaz de prosperar por causa da porcentagem alta de habitantes surdos e porque a surdez era uma característica recessiva, o que significava que quase todas as pessoas poderiam ter irmãos surdos e ouvintes. Em 1854, quando a população de surdos da ilha atingiu o pico, uma média de uma pessoa em 155 era surda, enquanto a média nacional dos Estados Unidos era de uma em 5.730. A MVSL na ilha diminuiu quando a população migrou para o continente. Atualmente, não há assinantes fluentes (GROCE, 1985).

A *Adamorobe Sign Language* (AdaSL) é usada por cerca de 30 surdos e 1370 ouvintes em Adamorobe, uma aldeia Akan no leste de Gana. A comunidade de Adamorobe é notável

por sua alta incidência de surdez hereditária (autossomo genético recessivo). A partir de 2012, cerca de 1,1% da população total é surda, mas o percentual chegou a 11% em 1961, antes que o chefe local instituisse uma política que proibisse os surdos de se casarem com outros surdos (NYST; BAKER, 2003).

أديسل نم ةيودبلا ةراشلإ ةغل (Trad.: Língua de Sinais Beduína de Al-Sayyid) é usada por cerca de 150 surdos e muitos membros da tribo beduína Al-Sayyid no deserto de Negev, no sul de Israel. Como os surdos em Al-Sayyid não conseguem ouvir árabe ou hebraico e não foram expostos a nenhuma outra Língua de Sinais, a أديسل نم ةيودبلا ةراشلإ ةغل (Trad.: Língua de Sinais Beduína de Al-Sayyid) não sofreu nenhuma influência de nenhuma outra Língua. A comunidade foi isolada não pela geografia, mas pelo estigma social, em vários níveis. O contato com o mundo exterior está crescendo, à medida que são expostos à ةراشلإ ةغل (Trad.: Língua de Sinais Israelense) e ةيندرأل ةراشلإ ةغل (Trad.: Língua de Sinais Jordaniana) nas escolas, e os membros da comunidade se casam fora da comunidade (KISCH, 2000).

As Comunidades Indígenas Surdas no Continente Americano

Considerando os indígenas surdos como povos nativos, tendo como pressuposto o nativismo, e de acordo com Entzinger, Martiniello e Wenden (2004), é toda ação que procure valorizar a cultura de um lugar, em reação à imposição de uma cultura externa, em geral dominante. O nativismo faz-se sentir especialmente na história dos povos que foram colonizados por outros, muitas vezes através de revoltas e motins, culminando mais adiante na própria emancipação ou na completa aculturação.

Os povos nativos do continente americano foram colonizados pelos povos europeus sendo na América do Norte pelos britânicos e franceses e nas Américas Central e do Sul pelos espanhóis e portugueses. Sobre os povos nativos da América, segundo Capovilla, Raphael e Maurício (2009), os principais grupos são, na América do Norte, os esquimós, aleútes, peles-vermelhas, pueblos; na América Central, os toltecas, astecas, maias; e na América do Sul e Antilhas, os arauaques, caraíbas, incas, quéchuas, tupis-guaranis, patagões e araucanos.

Contextualizando o nativismo, o multiculturalismo e o plurilinguismo, os países que compõem o continente americano, possuem Línguas de Sinais que miscigenam com as possíveis Línguas de Sinais das Terras Indígenas e com outras de alguns países europeus, como por exemplo, a França com a sua *Languê dês Signes Française* (LSF) a qual influenciou, filologicamente, nas Línguas de Sinais de países ocidentais como a *American Sign Language* (ASL), a *Lengua de Señas Mexicana* (LSM), a Língua Brasileira de Sinais (Libras) entre outras.

No caso dos Estados Unidos e do Canadá, segundo Gesser (2009), a Língua de Sinais utilizada é a *American Sign Language* (ASL). A ASL moderna, conforme Lane (1984), Bayton (1996) e Wilcox e Wilcox (1997) sofreu influência dos sinais dos índios locais e dos sinais da *Languê dês Signes Française* (LSF) trazidos pelo surdo francês Louis Laurent Marie Clerc. O sinal *Parents* (Fig. 2), por exemplo, é uma composição dos sinais independentes *Dad* e *Mom* na ASL, os quais sofreram influência dos índios surdos americanos, e tem relação análoga com o chefe da tribo, o cacique, e o chefe da família, os pais.







Figura 2. Sinal representativo para o termo *Parents* em ASL.



A América Latina é formada por 20 países (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela), e com base em Olson e Lewis (2018), há 21 Línguas de Sinais catalogadas¹ e com algum nível de descrição linguístico. Nos países como Brasil, Colômbia e México apresentam mais de uma Língua de Sinais, a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB), a *Lengua de Señas de Providencia* (LSP) e a *Lengua de Señas Maya-yucateca* (LSMY), respectivamente.

Nas civilizações pré-colombianas, os índios surdos do México, Guatemala e Peru tiveram suas possíveis descendências nos Astecas, Maias e Incas, respectivamente. No caso da *Lengua de Señas Maya-yucateca* (LSMY) teve sua gênese na civilização Maia. No quadro abaixo, serão apresentados os registros dos sinais das civilizações asteca, maia e inca na Libras, respectivamente.

Quadro 1. Registro escrito dos sinais das civilizações antigas em Libras.

| | | |
|---|--|--|
|  |  |  |
|  |  |  |
| Asteca | Maia | Inca |

Fonte: Acervo dos pesquisadores

As Comunidades Indígenas Surdas no Brasil

No Brasil, as pesquisas sobre índios surdos têm se delineado no Maranhão por Kakumasu e Kakumasu (1968), Ferreira-Brito (1983; 1995), Baleé (1998) e Cerqueira (2008), no Amazonas por Azevedo (2015), em Santa Catarina por Giroletti (2008), em Goiás por Silva (2017), no Mato Grosso do Sul por Vilhava (2004; 2009; 2012), Sumaio (2014; 2018) e Henrique (2014) e em Rondônia por Costa (2017), Gregianini (2017), Eler (2017) entre outras.

No norte do Estado do Maranhão, a Língua da etnia indígena Urubus Ka'apor (Fig. 3) começou a ser estudada em 1968, pelos pesquisadores canadenses, James Y. Kakumasu e Kiyoto Kakumasu e, em seguida, em 1995, pela linguista brasileira, professora Lucinda Ferreira Brito, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Uma característica interessante dessa tribo é que toda comunidade domina os sinais, o que permite uma comunicação fluente entre os índios ouvintes com os índios surdos. Ribeiro (1996) também constatou em suas expedições à Amazônia a existência de índios surdos.

1 A Lengua de Señas Argentina (LSA), Lengua de Señas Boliviana (LSB), Língua Brasileira de Sinais (Libras), Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB), Lengua de Señas Chilena (LSCh), Lengua de Señas Colombiana (LSC), Lengua de Señas Cuestariquena (LSCR), Lengua de Señas Cubana (LSC), Lengua de Señas Ecuatoriana (LSEC), Lengua de Señas Salvadoreña (LESSA), Lenguaje de Señas Guatemalteca (Lensegua), Lengua de Señas Haitiana (LSH), Lengua de Señas Hondureñas (LESHO), Lengua de Señas Mexicana (LSM), Lengua de Señas Nicaraguense (LSN), Lengua de Señas Panameñas (LSP), Lengua de Señas Paraguaya (LSPy), Lengua de Señas Peruana (LSP), Lengua de Señas Dominicana (LESDOM), Lengua de Señas Uruguya (LSU) e Lengua de Señas Venezuelana (LSV), respectivamente.

Figura 3. Sinal representativo dos Urubus Ka'apor em LSKB.



Fonte: Arquivo dos pesquisadores

A tribo indígena Ka'apor possui dez aldeias espalhadas sobre 7.168 km², sendo que há quatro aldeias grandes: Zé Gurupi, Ximbó Renda, Gurupi-Una e Água Preta. Nessa tribo muitos índios se tornaram surdos após febre altíssima, perdendo, assim, a habilidade para a língua oral (BALÉE, 1998 *apud* CERQUEIRA, 2008).

A Língua Ka'apor é uma Língua de Sinais intratribal, formada por quatorze consoantes e seis vogais. A etimologia da nomenclatura Ka'apor (Urubus-Ka'apor, ka'apor) pode significar “pegadas na mata” ou ainda “moradores da mata”.

Na comunidade tribal dos Ka'apor, há uma relação de um índio surdo para cada 75 índios ouvintes, por isso, desenvolveu-se uma língua de sinais entre eles, ou seja, um índio surdo pode visitar uma aldeia distante e tem a capacidade de se comunicar normalmente com índios de outra aldeia.

Em Santa Catarina, Giroletti (2008) registrou os Sinais Kaingang na Aldeia (SKA), desenvolvidos na comunicação dos surdos na escola, em casa e na Aldeia. A pesquisa foi realizada na Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkre, situada na Aldeia Sede, município de Ipuacu-SC. Identificou-se elementos culturais que constituem a identidade dos surdos Kaingang e analisou os contextos em que os sinais linguísticos surdos próprios à cultura Kaingang se legitimam e se entrelaçam com a Língua de Sinais Brasileira.

No Mato Grosso do Sul, a pesquisadora surda e descendente de índios, Vilhalva (2009), mostrada na Figura 4, mapeou e registrou, como as Línguas de Sinais familiares estão emergindo no contexto plurilíngue, especificamente, nas aldeias Jaguapiru e Bororó das comunidades indígenas do município de Dourados-MS. Realizou um levantamento de 56 indígenas com deficiência auditiva, identificados por escolas indígenas e agentes indígenas de saúde locais. As etnias que tinham índios surdos, o Guarani-Kaiowá e o Terena, grupos presentes nas comunidades indígenas de Dourados-MS.

Figura 4. Foto da pesquisadora surda indígena, Shirley Vilhalva, e capas ilustrativas do livro e do Minidicionário indígena, respectivamente.

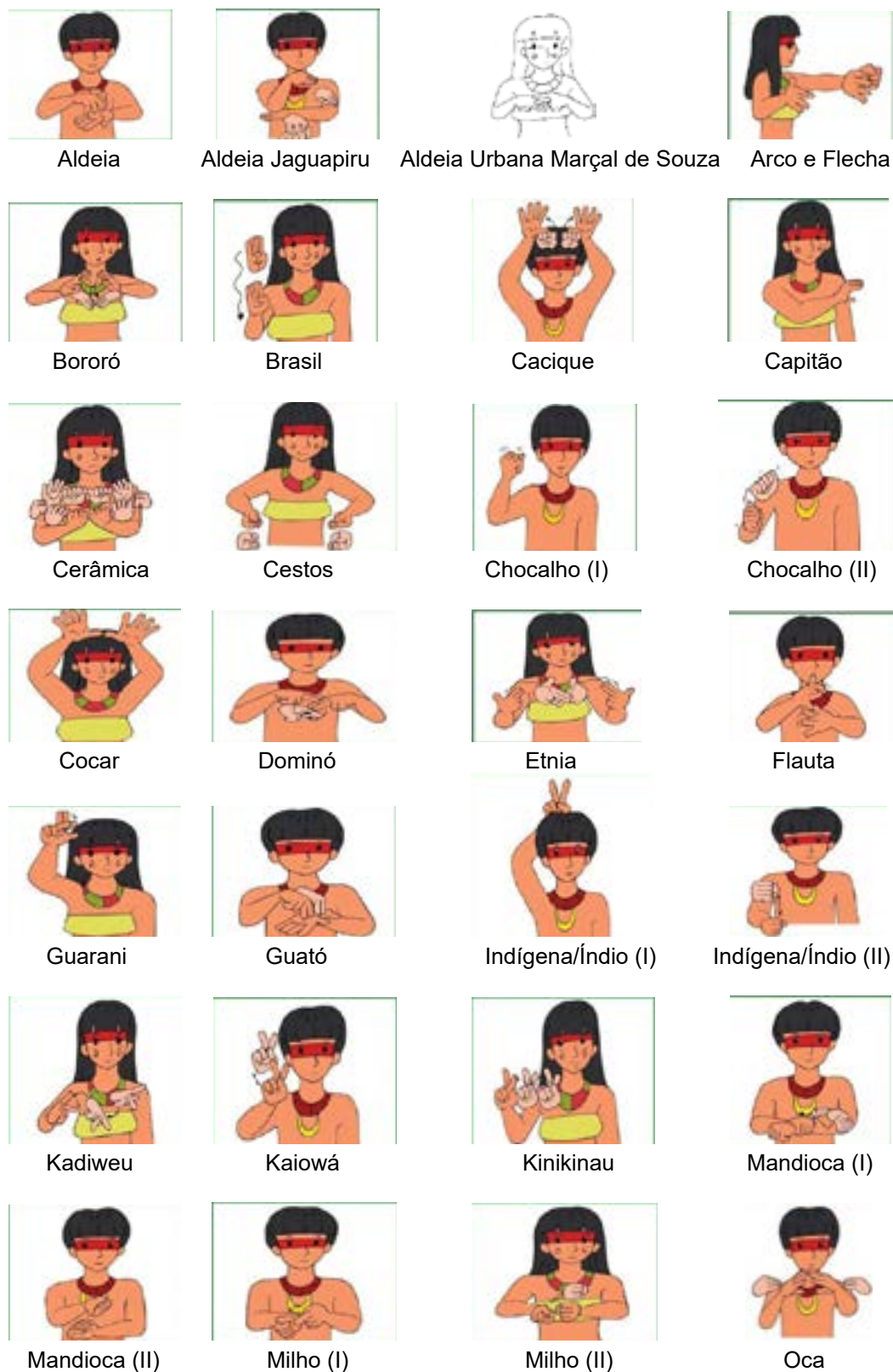


Fonte: <https://sites.google.com/site/sitedashirleyvilhalva/>; VILHALVA (2012).

O Minidicionário de Libras/Português de Sinais Emergente Indígena (Fig. 4) faz parte do Projeto Índio Surdo MS e possui uma coletânea de 28 sinais específicos e 4 variações lin-

guísticas desenhados pelo surdo Mauro Lúcio Gondim, organizado pela equipe de instrutores do Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação (CEADA/MS) e pela pesquisadora surda Shirley Vilhalva (VILHALVA, 2012). Na Figura abaixo serão mostrados os 32 sinais das LSTI de comunidades indígenas do Mato Grosso do Sul documentados.

Figura 5. Sinais das LSTI do Mato Grosso do Sul.





Pajé



Povo Indígena



Remo



Xavante

Fonte: Imagens ilustrativas retiradas de Vilhalva (2012)

Na Figura acima, pode-se perceber que muitos sinais apresentam diferentes cargas semânticas para o mesmo item lexical, alguns possuem parâmetros diferentes ou variação linguística demonstrando pouca dependência estrutural na sinalização. A diversidade de dialetos tende a aumentar conforme o isolamento comunicativo ou geográfico entre os grupos indígenas.

Além disso, Coelho (2011) investigou a constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá e os seus processos de interação e comunicação na família e na escola. As análises permitiram situar o sujeito indígena surdo em uma cultura diferenciada e compreendermos as relações estabelecidas entre as culturas em contato e as línguas usadas nas aldeias estudadas. Foram identificadas também as possibilidades e as necessidades específicas e de comunicação no ambiente familiar e escolar. Concluiu-se que os indígenas surdos precisam dominar uma língua de sinais que lhes permitam a comunicação entre si e a comunidade indígena e a envolvente, o acesso à informação e à linguagem escrita para chegarem à níveis mais elevados de ensino e a compreensão da realidade em que vivem.

Henrique (2014) verificou a efetivação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena no Brasil no que se refere ao atendimento aos indígenas com deficiências, em especial aqueles com deficiência auditiva, que são usuários da língua de sinais. Conclui que tanto os profissionais de saúde quanto a equipe multiprofissional que atuam no contexto indígena ainda não estão preparados para lidarem com a cultura, e com a deficiência em determinado contexto cultural. O Estado de Mato Grosso do Sul, segundo Henrique (2014), possui nove etnias indígenas tais como Atikum, Guarani-Kaiowá, Guarani-Nandeva, Guató, Kadiweu, Kiquinau, Ofaié, Terena e Kamba.

Sumaio (2014) estudou a(s) Língua(s) utilizada(s) por surdos Terena de diferentes faixas etárias, sendo a maioria jovens. O povo Terena habita os Estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo, e essa etnia conta com 28.845 pessoas, conforme dados do IBGE (2010), que estão divididas em 17 terras. Constataram-se Terena surdos, primeiramente, na Comunidade Indígena de Cachoeirinha-SP, de 9.507 habitantes e, posteriormente, em aldeias vizinhas, próximas ao município de Miranda-MS.

Silva (2014) desenvolveu, em conjunto, com os professores que atuam no AEE das escolas indígenas de Dourados-MS, um programa de formação continuada para investigar as ações pedagógicas presentes nas Salas de Recursos Multifuncionais e analisar os impasses, os obstáculos e os desafios do AEE e da inclusão escolar.

Bruno e Lima (2015) investigaram as formas de comunicação e de inclusão da criança surda no contexto familiar e escolar das comunidades indígenas das Aldeias Bororó e Jaguapiru, em Dourados-MS. Os resultados do estudo permitiram conhecer um sistema incipiente de comunicação utilizado pelos familiares da criança, identificar os irmãos como mediadores da comunicação na família e na escola e reconhecer, nas falas dos professores, o papel do intérprete de Libras como estratégia pedagógica e comunicativa para a inclusão da criança indígena surda.

No Maranhão, Cerqueira (2015) analisou do marco regulatório e das políticas educacionais desenvolvidas pelas modalidades de educação especial e indígena no atendimento aos indígenas surdos da comunidade Urubus Ka'apor em seu acesso à escola.

No Amazonas, o pesquisador índio surdo da tribo Sateré Mawé, Marlon Jorge Silva de Azevedo (2015), apresentou o resultado do mapeamento de índios surdos nas comunidades

indígenas Sateré-Mawé, na microrregião de Parintins-AM. O Minidicionário Sateré-Mawé/Libras/Língua Portuguesa (Fig. 6) é um produto da pesquisa de mestrado contendo sinais específicos da tribo indígena Sateré-Mawé.

Figura 6. Foto do pesquisador surdo indígena Marlon Jorge Silva de Azevedo e imagens ilustrativas do Minidicionário Sateré-Mawé Trilingue, respectivamente.



Fonte: <https://ojornaldailha.com/professor-da-uea-lanca-minidicionario-trilingue-em-parintins/>; AZEVEDO (2016)

Além disso, o tradutor e intérprete de Libras, Erich Teles Bezerra, tem se dedicado ao estudo dos indígenas surdos das etnias do Médio Solimões, Kokama, Mayoruna, Ticuna, Mehinako, Matís, Marubo, Kanamari, Takuara, e suas variações linguísticas existentes, apresentando pesquisas em andamento.

Almeida e Sebastião (2016) realizaram um levantamento referente à inclusão de índios surdos no processo de aprendizagem em escolas de educação básica para dar visibilidade às práticas desenvolvidas em algumas regiões do Brasil referente à inclusão de alunos índios surdos na educação formal, especificamente os anos iniciais e finais do ensino fundamental. Concluíram que é necessário identificar os elementos culturais que constituem a identidade dos índios-surdos, bem como os contextos em que emergem os sinais linguísticos surdos próprios à cultura e como se legitimam e entrelaçam com a Língua de Sinais Brasileira, pois os estudos apontam que há sinais compartilhados pelos surdos nas aldeias e que, enquanto educadores, precisamos conhecê-los para melhorar a comunicação e levar os surdos a avançar na aprendizagem.

Sant'ana (2016) abordou aspectos educacionais, políticos, linguísticos e culturais sobre a educação de índios surdos no Brasil tomando como bases teóricas os trabalhos de Vilhalva (2004; 2009; 2012), Giroletti (2008), Coelho (2011) e Lima (2013). Em Goiás, Silva (2017) realizou uma pesquisa autobiográfica sobre o percurso como estudante indígena, cotista, no curso de Licenciatura em Artes Visuais na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Em Rondônia, Costa (2017) realizou um mapeamento dos Sinais da Comunidade Surda do Povo Paiter Suruí no contexto familiar utilizados nos processos de comunicação e expressão na aldeia indígena Gapgir, Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal-RO. Os sinais foram registrados por meio das imagens na tentativa de identificar os sinais utilizados pelos surdos indígenas, considerando a cultura e identidade Paiter Suruí.

Gregianini (2017) mapeou os Sinais Paiter Suruí (SPS), presentes nos processos de comunicação e expressão dos indígenas surdos Paiter Suruí no contexto da comunidade. Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstraram uma grande diversidade linguística nas Línguas de Sinais Brasileiras, que acabam passando despercebidas devido à falta de "olhares" para a diversidade étnica do Brasil e os sinais seguindo a perspectiva da cultura e identidade Paiter Suruí possibilitou demonstrar a gama de diversidade linguística e cultural do povo surdo.

Eler (2017) mapeou os Sinais Paiter Suruí (SPS) de alunos indígenas surdos nos processos próprios de ensino e aprendizagem na educação escolar indígena na aldeia Gapgir, da Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal-RO. Como resultado de duas categorias de palavras compostas por 103 palavras, conseguimos identificar 54 sinais SPS que foram filmados

durante a pesquisa e posteriormente desenhados e registrados, com isso chegamos ao resultado de que esses indígenas surdos criaram sinais próprios para comunicação entre seus pares na escola, sendo influenciados pela visualidade que é uma marca presente na cultura surda. A Figura abaixo serão mostrados os 53 Sinais Paiter Suruí (SPS) registrados.

Figura 7. Sinais Paiter Suruí (SPS).





Escola



Estilingue



Galinha



Galo



Gambá



Garça



Homem Paiter



Igual



Jacaré



Lápis



Lápis de Cor



Macaco-da-noite



Macaco-barrigudo



Multiplicar



Mutum



Paca



Papagaio



Peixe



Peixe Elétrico



Peixe Pintado



Prova



Rato



Rio



Somar



Tamanduá



Tatu



Tomar-água



Urubu



Veado

Na Figura acima, pode-se perceber que muitos sinais apresentam diferentes cargas semânticas para o mesmo item lexical, não foi apresentado nenhuma variação linguística, porém, alguns se configuram como sinais compostos na sinalização.

Sumaio (2018) investigou se os sinais que os surdos terena e alguns ouvintes estavam utilizando eram sinais caseiros ou uma Língua, e se essa Língua seria autônoma ou uma variedade da Libras. Concluiu que não constitui variedade da Libras e nem um sistema de sinais caseiros, mas uma língua autônoma, a Língua Terena de Sinais (LTS).

Os estudos linguístico-culturais indígenas tendenciam ao plurilinguismo, mestiçagem, hibridismo, cosmovisão, pajelança, misticismo tribal, multiculturalismo e nativismo. Algumas Língua de Sinais das Terras Indígenas (LSTI) emergiram destes estudos como a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB), a Língua Terena de Sinais (LTS) entre outras LSTI que surgirão ao longo de outras pesquisas. Na composição linguístico-lexical existem os registros dos Sinais Kaingang na Aldeia (SKA) e Sinais Paiter Suruí (SPS). Sobre livros que trazem o contexto indígena surdo têm Mussato (2021) e Gomes e Vilhalva (2021).

Acredita-se que existem outras LSTI para estudo de sinais indígenas emergentes, algumas aqui apresentadas neste estudo, a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB) pelos índios Urubu-Ka'apor do Maranhão (KAKUMASU; KAKUMASU, 1968; FERREIRA-BRITO, 1983; 1995; BALEÉ, 1998; CERQUEIRA, 2008), Língua de Sinais Sataré-Mawé pelos índios Sataré-Mawé de Parintins-AM (AZEVEDO, 2015), Língua Terena de Sinais pelos índios Terena em Dourados-MS (VILHALVA, 2004; 2009; 2021; SUMAIO, 2014; 2018; HENRIQUE, 2014), Língua de Sinais Guaraní-Kaiowá (COELHO, 2011; VILHALVA, 2012; LIMA, 2013), Língua de Sinais Paiter Suruí (SPS) em Cacoal-RO (COSTA, 2017; GREGIANINI, 2017; ELER, 2017), Língua de Sinais Kaingang (SKA) pelos índios Kaingang em Xanxerê-SC (GIROLETTI, 2008). Além desta, Segundo Silva e Quadros (2019), existem também a Língua de Sinais Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha-BA (DAMASCENO, 2017), Cena, Língua de Sinais da Várzea Queimada em Jaicós-PI (PEREIRA, 2013), "Acenos" em Cruzeiro do Sul-AC (CERQUEIRA; TEIXEIRA, 2016), Língua de Sinais da Ilha de Marajó-PA (MARTINOD, 2013; FORMIGOSA, 2015; FUSELLIER, 2006), a Língua de Sinais de Fortalezinha-PA e a Língua de Sinais de Porto de Galinha na Ilha de Soure em Ipojuca-PE (CARLIEZ; FORMIGOSA; CRUZ, 2016) e a Língua de Sinais de Caiçara no sítio Caiçara em Várzea Alegre-CE (TEMÓTEO, 2008).

Considerações Finais

Com base nos dados desta pesquisa é possível concluir que ainda são ínfimas as produções sobre indígenas surdos, entretanto, mostram os avanços de pesquisas sobre as comunidades indígenas surdas e suas Línguas de Sinais das Terras Indígenas.

No mundo, seis comunidades indígenas surdas estão distribuídas entre Estados Unidos, México, Colômbia, Brasil, Gana e Israel, e destas, no continente americano existem quatro LSTI registradas, a *Martha's Vineyard Sign Language* (MVSL) nos Estados Unidos, a *Lengua de Senâs Maya-yucateca* (LSMY) no México, a *Lenga de Señas de Providencia* (LSP) na Colômbia e a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB) no Brasil.

Os estudos indígenas surdos brasileiros se concentraram nas comunidades indígenas Urubus Ka'apor no Maranhão, Sataré-Mawé no Amazonas, Terena no Mato Grosso do Sul e São Paulo, Jaguapiru, Guaraní-Kaiowá, Bororó entre outras no Mato Grosso do Sul, Kaingang em Santa Catarina, Paiter Suruí em Rondônia, Pataxó na Bahia, Cena no Piauí, Acenos no Acre entre outras que veem surgindo e estão sendo documentadas.

Os estudos linguístico-culturais indígenas tendenciam ao plurilinguismo, mestiçagem, hibridismo, cosmovisão, pajelança, misticismo tribal, multiculturalismo e nativismo, as quais têm sido características marcantes para o surgimento dessas línguas de sinais indígenas e são fenômenos linguísticos que acontecem em qualquer língua. E, os dados dessa pesquisa contribui para área de Estudos Interculturais confluindo para as Línguas de Sinais das Terras Indígenas.

Referências

ALMEIDA, Edielso Manoel Mendes de; SEBASTIÃO, Lindomar Lili. A educação inclusiva de índios surdos no processo de aprendizagem na educação básica. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, João Pessoa-PB, 2016.

AZEVEDO, Marlon Jorge Silva de. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) - Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Manaus-AM, 2015.

_____. **Minidicionário Sateré-Mawé em Libras**. Parintins, 2016.

BALEÉ, William L. **“Ka’apor”, povos indígenas do Brasil**, Instituto Socioambiental, São Paulo, 1998. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/ka'apor> (Acesso em 14/05/2011). In: CERQUEIRA Santos; Irlan Marcos. **O Indígena Surdo Ka’apor: Elo entre as Modalidades de Educação Especial e Indígena**. (No Prelo) Instituto de Ensino Superior Franciscano – IESF. Docência na Educação Básica e Superior. São Luís-MA, 2008.

BAYTON, Douglas C. **Forbidden sign: American culture and the campaign against Sign Language**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia; LIMA, Juliana Maria da Silva. As formas de comunicação e de inclusão da criança Kaiowá surda na família e na escola: um estudo etnográfico. In: **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 21, n. 1, p. 127-142, Jan.-Mar., 2015.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walquíria Duarte; MAURÍCIO, Aline C. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (DEIT-Libras)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2009.

CARLIEZ, M. L. S. S.; FORMIGOSA, E.; CRUZ, E. B. **Accessibilité et égalité des chances aux micro-communautés des sourds brésiliens: vers la reconnaissance des langues des signes pratiquées par les sourds de Soure (Île de Marajó) et Fortalezinha-PA et Porto de Galinhas-PE**. MOARA, v. 1, p. 113-143, 2016

CERQUEIRA Santos, Irlan Marcos. O acesso do surdo Ka’apor em sua comunidade indígena à educação: uma discussão de inclusão. In: **VII Jornada Internacional de Políticas Públicas**. Universidade Federal do Maranhão - UFMA, São Luís-MA, 2015.

CERQUEIRA, Ivanete de Freitas; TEIXEIRA, Elizabeth Reis. Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de Cruzeiro do Sul/AC. In: **ANTHESIS: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental**, ano 05, nº 08, 2016. Disponível em: <file:///D:/Users/Windows7/Downloads/496-1272-1-PB.pdf>

COELHO, Luciana Lopes. **A constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola**. 2011, 127 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2011.

COSTA, Miriã Gil de Lima. **Mapeamento dos sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade familiar**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto velho-RO, 2017.

DAMASCENO, Letícia de Souza Magalhães. **Surdos Pataxó: inventário das Línguas de Sinais em território etnoeducacional**. Dissertação de Mestrado. Bahia: Universidade Federal da Bahia. 2017.

ELER, Rosiane Ribas de Souza. **Mapeamento dos sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto velho-RO, 2017.

ENTZINGER, H. B.; MARTINIELLO, M.; WENDEN, C. W. **Migration between states and markets**. [S.l.] Asghate, p. 19, 2004.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática da Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

_____. A comparative study of signs for time and sapce in São Paulo and Urubu-Kapor Sign Language. In: STOKOE, William C.; VOLTERRA, V (eds.) **Proceedings of the 3rd International Symposium on Sign Language Research**. Romay Silver Spring: CNR y Linstok Press. 1983.

FORMIGOSA, Ellen. **Étude de la variation linguistique de la ls au Brésil dans l'enseignement de la Libras**, Paris 8. 2015.

FUSELLIER-SOUZA, Ivani. **Emergence and Development of Signed Languages: From a Semio-genetic Point of View**. Sign Language Studies, 7(1). Gallaudet University Press. 30–56. 2006.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.

GIROLETTI, Marisa Fátima Padilha. **Cultura surda e educação escolar Kaingang**. 2008, 218 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis-SC, 2008.

GOMES, João Carlos; VILHALVA, Shirley. **As línguas de sinais indígenas em contextos interculturais**. Editora CVR, 2021.

GREGIANINI, Luciana Coladine Bernardo. **Mapeamento dos sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto velho-RO, 2017.

GROCE, Nora Ellen. **Everyone Here Spoke Sign Language: Hereditary Deafness on Martha's Vineyard**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1985.

HAMMARSTRÖM, Harold; FORKEL, Robert; HASPELMATH, Martin. **Yucatec Maya Sign Language**. Jena, Germany: Max Planck Institute for the Science of Human History, 2017

HENRIQUE, Dyego Ramos. **Indígenas surdos e a deficiência no SUS: a percepção multiprofissional no atendimento no sistema de saúde no município de Dourados – Mato Grosso do Sul**. 2014, 74 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva), Universidade de Brasília (UnB), Ceilândia-DF, 2014.

KAKUMASU, James Y.; KAKUMASU, Kiyoto. Karai je'eha jakwarahã! - Comunique-se bem!. Cuiabá: SIL, 1994. 99 p. (Livro de Frases Úteis Urubu-Kapor). Circulação restrita.

KISCH, Shifra. **Deaf discourse: Social construction of deafness in a Bedouin community in the Negev**. MA thesis, Tel Aviv University. 2000.

LANE, Herlan. When the mind hears: a history of the deaf. New York: Tandom

House, 1984.

MARTINOD, E. **Les LS pratiquées par des sourds isolés de Marajó**. Dissertação de Mestrado defendida na Université Vincennes Saint Denis- Paris 8, 2013.

MATTOSO CÂMARA JR, Joaquim. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1965.

MUSSATO, Michelle Sousa. **O que é ser índio sendo surdo?** Um olhar transdisciplinar. Editora UFMS, Campo Grande-MS, 2021.

NYST, Victoria; BAKERr, Anne. The phonology of name signs: a comparison between the sign languages of Uganda, Mali, Adamorobe and The Netherlands. In: BAKER, Anne; VAN DEN Bogaerde, Beppie; CRASBORN, Otto (eds.). **Cross-linguistic perspectives in sign language research: Selected papers from TISLR 2000**. Hamburg: Signum. pp. 71–80. 2003.

OVIEDO, Alejandro. **Lengua de Señas Urubú-Kaapor: el caso de un pueblo brasileño bilingüe em una lengua hablada e una de señas**. Cultura Sorda Eu, Berlim-AL, s/d.

OLSON, Kenneth S.; LEWIS, M. Paul. Ethnologue and language mapping. In: ALBAUGH, E. ; DeLUNA, K. M (eds.). **Tracing language movement in Africa**. Oxford University Press, 2018.

PEREIRA, Éverton Luís. **Fazendo cena na cidade dos mudos: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 380p. 2013.

RIBEIRO, Darcy. **Diários Índios: os Urubus-Kaapor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANT'ANA, Sânela Celeste Garcia Viturino. **Educação de índios surdos no Brasil: desafios linguísticos e culturais**. 2016, 58 p. Monografia (Pedagogia Bilingue). Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Rio de Janeiro-RJ, 2016.

SILVA, João Henrique da. **Formação de professores para o atendimento educacional especializado em escolas indígenas**. 2014, 207 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados-MS, 2014.

SILVA, Mirna Patrícia Marinho da. **Que memórias me atravessam?** Meu percurso de estudante indígena. 2017. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual). Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia-GO, 2017.

SILVA, Diná Souza da; QUADROS, Ronice Müller de. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 22111-22127. 2019.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os Terenas: um estudo do uso da Libras e de sinais nativos por indígenas surdos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista - Unesp, Araraquara-SP, 2014.

_____. **Língua Terena de Sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos tere-na da Terra Indígena Cachoeirinha**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista - Unesp, Araraquara-SP, 2018.

TEMÓTEO, Janice Gonçalves. **Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará: um estudo lexicológico das variações da Libras na comunidade de surdos do Sítio Caiçara**. João

Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2008

VILHALVA, Shirley. KiniKinau: valorizando a história e a pedagogia de um povo. In: **Seminário “Povo Kinikinau: Persistindo a Resistência**, Mato Grosso do Sul, 16 a 18 de junho de 2004.

_____. **Quais são as produções acadêmicas sobre índios surdos no Brasil?**. In: IV Encontro Regional Sul de História Oral – Culturas, Identidades e Memórias. 2007.

_____. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes**: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul, 2009, 137 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis-SC, 2009.

_____, **Índios Surdos: Mapeamento das Línguas de Sinais do Mato Grosso do Sul**. Matogrosso: Arara, 2012.

WILCOX, S.; WILCOX, P. P. **Learning to see**: teaching Amrecian Sign Language as a Second language. Washington, DC : Gallaudet University Press, 1997.

WOODWARD, J. Attitudes toward deaf people on Providence Island. **Sign Language Studies** (7, 18), p. 49-68, 1978.

Recebido em 28 de março de 2020.
Aceito em 17 de março de 2021.